



GÊNERO E RURALIDADE: UM ESTUDO DE CASO DO PDS TERRA NOSSA, MUNICÍPIO DE NOVO PROGRESSO, PARÁ

Gabriela De Cássia Santos Do Nascimento¹, Saulo Ubiratan Pinheiro Da Silva¹, Juliana Andressa Costa Dos Santos¹ e Daniela Pauletto²

Nos últimos anos têm se percebido a intensificação de projetos e programas governamentais a fim de melhorar a qualidade de vida da população, em particular agricultores, para assim contribuir com a permanência destes no campo, haja vista que o êxodo rural de jovens e mulheres aumenta consideravelmente em diversas localidades do país. Sabendo disso, este trabalho objetiva avaliar e determinar qual gênero é mais encontrado no assentamento PDS Terra Nossa e a participação deste nas atividades para a produção agrícola nos lotes rurais. Para a coleta de informações foram aplicados questionários in loco nas datas de 18/02/15 a 27/02/15, a um número de 22 unidades familiares em forma de entrevista pessoal, com caráter qualitativo, no PDS Terra Nossa que está localizado cerca de 90 km da sede municipal de Novo Progresso e às margens da Rodovia BR 163. Com a análise dos questionários foi possível observar que 63% dos assentados residentes no PDS Terra Nossa e entrevistados são do sexo masculino e apenas 37% do sexo feminino, ou seja, há uma evasão de mulheres no assentamento que, segundo os produtores, se dá pelo fato de não haver escolas com disponibilidade de ensino médio no PDS, então muitas mulheres precisam ir para a cidade com os filhos para que eles possam estudar. Além disso, muitas destas mulheres contam com assistência do governo através da Bolsa Família ou Bolsa Escola, que possibilita um suplemento na renda familiar o que permite sua permanência e residência na sede municipal. Também observou-se que 41% das unidades entrevistadas são compostas por homens que vivem sozinhos no assentamento por serem solteiros ou por não contarem com a presença no local da companheira. Regionalmente os homens que vivem nesta situação, sendo solteiros ou casados mas vivendo sozinhos em locais remotos, são conhecidos como “cutiã”. Essa ausência notória das mulheres nestes locais também pode estar ligada as características dos trabalhos agrícolas mais pesados, que demandam muita força bruta e a precariedade de infraestrutura no local como energia elétrica e abastecimento de água adequado. Pode-se dizer então, que é evidente a maior concentração de homens no assentamento e a devido ao tipo de força de trabalho e mão-de-obra demandada nas atividades rurais desenvolvidas no assentamento. Além disso, a produção dos lotes em geral é de responsabilidade do homens e, baseado nisso, as mulheres tem mulher tem pequena participação nessa produção. Acredita-se que o menor número de mulheres no assentamento está ligado principalmente as condições limitantes de infraestrutura (energia elétrica e água), de disponibilidade de escolas e de reduzidas oportunidades de trabalho para este segmento.

Palavras-Chave: Êxodo rural; Produção agrícola; Assentamento.

¹Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Biodiversidade e Florestas, acadêmicos de bacharelado em Engenharia Florestal. E-mail: gabriela.cassia1@gmail.com

²Orientadora e Professora no Instituto de Biodiversidade e Florestas. Fonte de financiamento: Projeto Horizonte Verde – Instituto Socioambiental Flora Nativa.